

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE UNIVERSIDADE —

GEU

Maria Estela Dal Pai Franco

Marília Costa Morosini

Clarissa Ecker Baeta Neves

.....

RESUMO

O trabalho pontua a trajetória do Grupo de Estudos sobre Universidade da UFRGS — GEU, enquanto concepção e efetivação de uma prática de estudos e pesquisas sobre Educação Superior. Apresenta mediações da concepção e da prática do GEU (origem multi / interdisciplinar, intersecção pesquisa e nova geração de investigadores, vinculação institucional e a associações de pós-graduação) e considerações sobre o seu desenvolvimento, busca de interdisciplinaridade e construção de redes acadêmicas.

PALAVRAS-CHAVE: GEU, UFRGS, educação superior, grupo de estudos e pesquisa

ABSTRACT

This paper points out the GEU — Study Group on University's trajectory, and its conception of research and practice on Higher Education as a field of study. It presents the mediations to the building of the notions that supports the creation and developemnt of the group: multi / interdisciplinarity origin, intersection of research and education of future university professionals, institutional insepction and relations to academic associations. Also, the efforts of GEU concerning to its development, the search for interdisciplinarity and the building of academic networks, are showed.

KEY WORDS: GEU, UFRGS, higher education, studies and research group

O presente trabalho tem como objetivo pontuar a trajetória do Grupo de Estudos sobre Universidade¹ da UFRGS enquanto concepção e efetivação de uma prática de estudos e pesquisas sobre Educação Superior. Neste texto pretendemos apresentar algumas das mediações da concepção e da prática do GEU, tal qual criado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e considerações sobre o seu desenvolvimento, busca de interdisciplinaridade e construção de redes acadêmicas.

A EDUCAÇÃO SUPERIOR COMO OBJETO DE PESQUISA

A história das instituições reflete a trajetória de indivíduos que acreditam numa idéia, perseguem objetivos e canalizam esforços para concretizá-los. Especialmente nas instituições dedicadas ao conhecimento como sua razão de ser, a história é forjada *pari passu* aos avanços de campos disciplinares. A Educação Superior como campo disciplinar, no transcorrer da década de 1980, nos Estados Unidos, Canadá e em alguns países da Europa, começou a apresentar um frutífero campo de pesquisas, no início resultado ainda de esforços isolados mas, cada vez mais, através de um desenvolvimento sistemático, resultado do esforço de grupos e centros especializados.² Cabe ressaltar que tais

esforços foram direcionados tanto para o ensino superior propriamente dito, como também para questões institucionais mais amplas. O primeiro direcionamento centrou-se na sala de aula, seus componentes e interações, fazendo uso, inclusive, de laboratórios, enquanto formato organizativo comum das décadas de 1970 e, em parte, de 1980. Já o segundo direcionamento focalizou o sistema, a instituição e seu contexto, investigando questões político-administrativas, de poder e de construção do conhecimento.

Seguindo tendência similar, no Brasil, até o final da década de 1980, são encontrados estudos sobre Ensino Superior, alguns envolvendo Laboratórios de Ensino. A área de Educação Superior, na perspectiva político-administrativa, foi alvo especialmente de estudos isolados ou então de caráter gerencial, no âmbito institucional e governamental. Com o desenvolvimento do Estado Avaliativo, já adentrando a década de 1990, a Educação Superior passa a ser objeto de estudos e

¹ Fizeram parte do GEU, desde a sua criação as professoras pesquisadoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Arabela Campos Oliven (PEGEDU e PEGSociologia), Clarissa Eiker Baeta Neves (PEGSociologia), Denise Balarine Cavalleiro Leite (PECEDU), Maria Estela Dal Pai Franco (PECEDU) e Marília Costa Morosini (PEGSociologia).

² Clarissa Baeta Neves e Arabela Campos Oliven (IECH — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Curso de PG em Sociologia).

pesquisas, concentrando esforços conjugados de grupos, núcleos e centros de investigação.

A criação e a trajetória do Grupo de Estudos sobre Universidade — GEU — revela o padrão e as tendências acima descritos, acrescidos de características marcantes que se fazem presentes desde as suas origens. Ao longo dos anos elas têm ajudado a imprimir o caráter do GEU e a forjar suas expectativas. São elas: a) a origem multidisciplinar do grupo; b) a intersecção entre a realização de pesquisas e a formação de nova geração de pesquisadores; c) o modo de vinculação institucional; e d) a vinculação de pesquisadores a grupos de trabalho de associações de pós-graduação e acadêmico-científicas. Tais características parecem se manifestar não isoladamente, mas estão presentes nas ocorrências que de algum modo inspiraram e mediaram o surgimento e a consolidação do GEU. Em que pese a preponderância de uma ou outra característica em diferentes situações, elas se inserem na tríade *pesquisa — instituição — multi(inter)disciplinaridade*, tríade esta tecida pelas ações compartilhadas entre partícipes de diferentes instâncias, níveis, segmentos e áreas de conhecimento da universidade que abriga o GEU, de outros grupos que com ela interagem e de instâncias governamentais. Na objetivação

das ações compartilhadas que interligam a tríade é que se construiu o GEU como grupo de parcerias para a realização e a promoção de pesquisas sobre a temática que lhe qualifica o nome.

MEDIAÇÕES ENTRE A CONCEPÇÃO E A PRÁTICA DO GEU

A criação do GEU resultou da mediação de um conjunto de ocorrências e eventos que convergem para as quatro características já mencionadas. Elas são analisadas a seguir.

ORIGEM MULTI(INTER)DISCIPLINAR DO GRUPO

O primeiro dos elementos qualificadores do GEU foi a origem multidisciplinar do grupo, que nasceu de uma ação ancorada institucionalmente, desencadeada a partir de outubro de 1988, numa ação conjunta da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e da Pró-Reitoria de Graduação.³ Tal ação deu origem à pesquisa “Rediscutindo a questão de articulação entre graduação e pós-graduação”, cujo primeiro relatório foi publicado em 1989.

Preocupados com os distanciamentos entre pós-graduação e graduação, as duas pró-reitorias mencionadas decidiram não só desenvolver ações articuladoras dos

³ Na época eram titulares respectivamente os Professores Abílio Baeta Neves e Darcy Dillenburg.

dois níveis de ensino superior, mas estudar a questão. Com tal objetivo foram inicialmente convidadas professoras³ do PPGEDU — Programa de Pós-Graduação em Educação, para desencadear um estudo que identificou as modalidades de articulação entre cursos, as mediações na perspectiva da ação docente e administrativa, apresentando, inclusive, subsídios que poderiam ser utilizados em ações institucionais.

Certamente um ponto que pode ser destacado no referido estudo e que marcou a própria emergência do GEU foi o modo compartilhado como se desenvolveu, no que tange à equipe de pesquisa, mas também no que se refere ao modo como as informações foram obtidas.⁴ No que tange à equipe, além das pesquisadoras e dos colaboradores já mencionados, merece um registro especial o convite que foi feito para duas professoras ligadas aos cursos de Pós-Graduação em Sociologia, cuja trajetória de estudos e publicações sobre Educação Superior já era, na época, significativa e cujo envolvimento no projeto terminou por gerar o próprio GEU.⁵ A colaboração das professoras atuando como articuladoras nas reuniões para obtenção de dados, e como juízas nas categorias emergidas do processo analítico, certamente enriqueceu o trabalho e contribuiu para o espírito de grupo e os

princípios que estão no cerne da criação do GEU.

Se os princípios que forjaram o GEU ganharam espaço no final da década de 1980, foi, no entanto, na transposição dos anos 70 para os de 1980 que emergiu a idéia da constituição de um núcleo de pesquisa *multidisciplinar*, cujos integrantes congregassem abordagens e conhecimentos diversos sobre a universidade enquanto objeto de estudo e os aplicassem de modo *interdisciplinar*.

³ Inicialmente foram convidadas as professoras Maria das Graças F. Feldens (Departamento de Ensino e Currículo — DEC / FAGED — Faculdade de Educação) e Maria Estela Dal Pai Franco (Departamento de Estudos Especializados — DEE / FAGED). Em seguida o grupo foi ampliado com a participação das Professoras Márcia Costa Morosini (Departamento de Ciências Sociais — DCS / IPCH) e Denise Balarine Cavalheiro Leite (DEC / FAGED).

⁴ Foram organizados *círculos de depoimentos* para cada uma das quatro grandes áreas de conhecimento que estruturam a organização acadêmica da UFRGS, tendo sido convidados os docentes em cargos de liderança e chefia administrativa (coordenadores de Comissões de Carreira, de Cursos de Pós-Graduação e chefias de Departamentos) e representantes discentes. Os “círculos” contaram com a presença de um dos titulares da administração central da universidade e após serem fornecidas algumas orientações sobre pontos de discussão e sistemática (todos os participantes já tinham tido acesso ao projeto) cada reunião se desenvolveu em dois momentos específicos, um envolvendo líderes ligados a um curso/setor e outro envolvendo o grupo da área de conhecimento mais ampla que participava da reunião. Registra-se que em diversos casos, pela primeira vez questões foram discutidas conjuntamente pelo coordenador do curso de Pós-Graduação, da comissão de carreira e chefia(s) de departamento(s) afim(ns).

⁵ Clarissa Baeta Neves e Arabela Campos Oliven (IPCH — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Curso de PG em Sociologia).

Também influenciaram os contatos com centros do exterior.⁶

INTERSECÇÃO ENTRE A REALIZAÇÃO DE
PESQUISAS E A FORMAÇÃO DA NOVA
GERAÇÃO DE PESQUISADORES

O binômio pesquisa e formação que qualifica o GEU não só tem seu *locus* privilegiado na universidade, como também é inerente à pós-graduação. Não é de surpreender, portanto, que o modo organizacional que depois se concretizou no GEU, foi em parte urdido, enquanto prática concebida, no abrigo do Curso de Pós-Graduação em Educação.

No ano de 1987, foi oferecida junto ao PGEdu uma prática de pesquisa sobre "Identidade e poder: análise da universidade como instituição de conhecimento", da qual participaram alunas de doutorado, o que denota a ação compartilhada entre alunos e professores. Da referida prática dois desdobramentos foram decisivos para composições que posteriormente convergiram para o GEU: o primeiro foi o da formação de espírito de grupo, o que permitiu, em 1988, participar da atividade institucional já mencionada, desencadeada por duas pró-reitorias da universidade, certamente indutora da criação do GEU propriamente dito. O segundo desdobramento foi o projeto de pesquisa "Reprodução e recriação social da universidade e as ingerências do Estado: o caso da UFRGS",

projeto aglutinador que procurou: 1) traçar, através de vários estudos, as culturas institucionais da universidade desde seus primórdios até os anos iniciais da Universidade de Porto Alegre (UPA) e 2) sumarizar graficamente a criação de unidades (Escolas, Faculdades e Institutos) integrantes da UFRGS, com as respectivas vinculações, desde a gênese de instituições isoladas, passando pela Universidade Técnica (Escola de Engenharia), pela Universidade de Porto Alegre (UPA), pela Universidade do Rio Grande do Sul (URGS) e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O referido projeto é aqui ressaltado não só por ter servido de mote propulsor na fase inicial do GEU, considerando-se que, através dele, se obteve recursos da

⁶ As pesquisas do Instituto de Pesquisas sobre Ensino Superior do Educational Testing Service (ETS), especialmente sobre objetivos da universidade, sinalizaram mais do que um produto científico: mostraram um processo e uma forma organizacional de fazer pesquisa ancorada na parceria (termo não usado na época) multidisciplinar. É também o caso do National Center of Higher Education Management Systems (NCHEMS — Boulder, Colorado). Outro fato marcante que contribuiu para a estruturação multi(inter)disciplinar do GEU no momento de seus passos iniciais foram uma visita e um estágio realizados no Center for Studies in Higher Education que funciona no Campus da Universidade da Califórnia, Berkeley. A estrutura e os intercâmbios do centro evidenciaram um modo organizacional que privilegiava não só multidisciplinariedade, pelas diferentes áreas de onde provem o corpo de pesquisadores, mas uma visão, intercultural na medida em que abre espaços para estágios e visitas de pesquisadores estrangeiros.

FAPERGS para a aquisição do primeiro computador, no início dos anos 90, mas também por ter assumido a realização de pesquisa enquanto atividade ímpar na formação da nova geração de pesquisadores. Ao longo dos anos e ligadas a projetos têm sido promovidas ações compartilhadas entre pesquisadores, bolsistas de iniciação científica e de aperfeiçoamento provenientes de áreas de conhecimento diversas, sem contar o envolvimento com trabalhos de mestrado e de doutorado.

MODO DE VINCULAÇÃO INSTITUCIONAL

Os supostos de que o tipo de ancoragem institucional de um grupo é basilar para o seu destino e de que uma formalização institucional, especialmente quando se trata de ciência, necessita de um nível de maturação, estiveram presentes desde os primeiros vislumbres da prática concebida para o GEU. Sempre houve consenso de que a opção por uma formalização institucional deveria suceder a consolidação do grupo de pesquisa, o que não impediu que desde o início o GEU buscasse apoios institucionais numa ancoragem flexível e na medida do possível, além de flutuações político-administrativas. Tais alternativas até hoje são entendidas como indutoras da consolidação do grupo.

Experiências fundadas em vinculações institucionais flexíveis e que apresentaram

resultados bem sucedidos, inclusive em momentos que antecederam a criação do GEU, marcaram de modo indelével a emergência da idéia (prática concebida) e sua concretização (prática efetiva).

Uma destas experiências bem sucedidas que merece registro foi levada a efeito em meados da década de 1980, com o apoio institucional da Pró-Reitoria de Graduação da UFRGS e do MEC, através do Programa Nova Universidade.⁷ É inegável que este projeto corroborou para reflexões sobre práticas institucionais marcantes. As ações compartilhadas em cada área de licenciatura partícipe objetivaram-se em modos organizacionais inovadores cujas principais tônicas, a da parceria e a da pesquisa como base

⁷ Tal experiência desenvolvida pelo Grupo de Trabalho sobre Licenciatura (GT), criado em 1984 e que funcionou até 1988, se objetivou num projeto com vistas à melhoria dos cursos de Licenciatura da UFRGS, incidindo sobre práticas de ensino de diversas áreas do conhecimento. O referido projeto, coordenado por Franco, teve como eixos (a) a corresponsabilidade interdepartamental, (b) a articulação entre a universidade e a Escola de 1º e 2º Graus e (c) a recriação solidária do "saber-fazer" do professor nos diferentes graus de ensino. Sete diferentes áreas de licenciatura da instituição participaram do projeto que se caracterizou por ações compartilhadas entre mais de 30 professores (das práticas de ensino, das áreas de conhecimento específicas, do Colégio de Aplicação e de Escolas de 1º e 2º Graus que recebiam estagiários) e alunos (bolsistas, estagiários e alunos egressos). A Profa. Clarissa E. B. Neves realizou um estágio no Centro de Pesquisas sobre Ensino Superior e Profissão (Wissenschaftliches Zentrum für Hochschulforschung) na Universidade de Kassel, Alemanha, no semestre de inverno 1989/90.

fundacional para a ação, refletiram-se posteriormente na própria estruturação do GEU, tanto internamente como em sua ligação institucional.

VINCULAÇÃO A GRUPOS DE TRABALHO DE ASSOCIAÇÕES DE PÓS-GRADUAÇÃO

Nas décadas de 1970 e 1980 foram criadas e consolidadas no Brasil associações de pós-graduação ligadas à diferentes áreas de conhecimento. Neste movimento é que surgiu a ANPED — Associação Nacional de Pesquisa e de Pós-Graduação em Educação, e a ANPOCS — Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, e seus GTs — Grupos de Trabalho (1976). Entre esses grupos destacam-se o GT Política de Educação Superior / ANPED e o GT Educação e Sociedade / ANPOCS, constituídos com a participação de integrantes do GEU.

É de ressaltar que ao redor de 1995 as coordenações de ambos os GTs estavam em mãos de pesquisadores do GEU. É marcante a influência dos movimentos associativos na trajetória e consolidação do GEU, especialmente se levarmos em consideração os projetos de pesquisa⁸ abrigados pelo grupo nos últimos anos, nos quais destacam-se vinculações com os grupos maiores ligados às associações de pós-graduação.

A DINÂMICA DO GEU COMO GRUPO DE ESTUDOS

Três convergências são expressivas nas modulações e nos movimentos do GEU enquanto grupo de estudos: a pesquisa, a formação de redes acadêmicas, parcerias e novos núcleos e a influência e os desdobramentos do Diretório de Pesquisa do CNPq.

A PESQUISA

O GEU, a partir da década de 90, consolidou-se como grupo de estudos e pesquisa, *locus* de formação das novas gerações através da orientação de bolsistas de iniciação científica, de mestrands e doutorandos, e da produção de conhecimento.

A pesquisa foi desenvolvida, no âmbito de projetos integrados, com o apoio das agências de fomento como CNPq, FAPERGS e apoio institucional, através da PROPEAQ / UFRGS. Foram três os grandes eixos

⁸ O GEU sediou a coordenação (Morosini) do projeto integrado CNPq "UNIVERSITAS — a produção científica sobre educação superior no Brasil, 1968 — 1995", congregador de 13 pesquisadores do GT Política de Educação Superior, pertencentes a universidades brasileiras — UERJ, UFRJ, UFF, UNIMEP, UFMG, UFAL, UFPA. Na segunda fase do projeto a participação do GEU se dá através de duas de suas pesquisadoras (Oliveira e Franco). O projeto, nesta primeira fase, tinha como objetivos a consolidação do próprio GT; a identificação, catalogação e socialização, através de COBOM, da produção científica nacional em educação superior, no Brasil, armazenada no banco de dados UNIVERSITAS com 5 000 documentos.

temáticos que orientaram a formulação dos projetos: a reconstrução histórica do ensino superior no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul; a análise dos diferentes modelos de universidades, também numa perspectiva comparada; e a dinâmica interna das instituições de ensino superior nas suas múltiplas funções de ensino, pesquisa e extensão e suas relações com a sociedade. O quadro 1 (anexo) sintetiza o desenvolvimento das pesquisas do GEU desde 1990.

A FORMAÇÃO DE REDES ACADÊMICAS, PARCERIAS E NOVOS NÚCLEOS

Uma das preocupações constantes do GEU foi promover a integração dos pesquisadores que estavam desenvolvendo pesquisas sobre o ensino superior. Três foram os tipos de ações desencadeadas pelo GEU neste campo: a) a formação de redes; b) a parceria com núcleos nacionais de pesquisa sobre o ensino superior; c) o estímulo à formação de novos núcleos.

a) a formação de redes

Três redes merecem destaque: a rede acadêmica Universidade-Mercosul, a rede Universidade, Pesquisa e Inovação, com universidades gaúchas, e a rede Revitalização do Ensinar e Aprender.

O GEU foi pioneiro na criação de uma rede de pesquisadores dos países do

Mercosul que tinham como preocupação comum o estudo comparado dos sistemas de ensino superior. Vários seminários internacionais foram promovidos com o apoio do OUI, CNPq, CAPES, FAPERGS e UFRGS, resultando num conjunto importante de publicações e na consolidação de uma rede de pesquisadores que até hoje busca desenvolver e aprofundar estudos em conjunto, assim como inúmeros artigos em revistas nacionais e estrangeiras.⁹

Outra rede acadêmica criada pelo GEU reúne pesquisadores que investigam as perspectivas do sistema de ensino superior, especialmente no Rio Grande do Sul. É a rede Universidade, Pesquisa e Inovação. Vários seminários e publicações¹⁰ socializam a produção científica deste tema. Cabe mencionar que vários pesquisadores integrantes da rede realizaram / realizam seu doutorado junto ao PPG Sociologia ou PPG Educação, sob orientação das pesquisadoras do GEU.

⁹ MOROSINI; LEITE (orgs). *Universidade e Integração no Conesul*. MOROSINI (org.). *Universidade no Mercosul*. MOROSINI (org.). *Mercosul – Mercosur: políticas e ações universitárias*. BAETA; NEVES; MOROSINI. *Cooperação universitária no Mercosul*.

¹⁰ FRANCO (org). *Universidade, pesquisa e inovação: o Rio Grande do Sul em perspectiva*. FRANCO; LONGHI; CABERLAN; CAMARGO; SILVA (orgs). *Universidade e pesquisa: políticas, discursos e práticas*. FRANCO et all. *Condições de produção de pesquisa: o caso do RGS*. FRANCO; MOROSINI (orgs). *Redes acadêmicas e a produção do conhecimento*. NEVES (org.). *Universidade e pesquisa*.

A rede Revitalização do Ensinar e do Aprender reúne pesquisadores de universidades do Brasil e do exterior, destacando-se a promoção de estudos, eventos e publicações.¹¹

b) a parceria com núcleos nacionais

O GEU tem participado de pesquisas em parceria com núcleos nacionais. Um exemplo é a participação na pesquisa sobre as Universidades Estaduais, coordenada pelo NUPES / USP. Por outro lado, pesquisas do GEU foram publicadas nos Cadernos NUPES, como a das Universidades Comunitárias.

Outra importante parceria do GEU diz respeito a sua participação num projeto de pesquisa de âmbito nacional sobre egressos de mestrados e doutorados no país, com a participação do NESUB / UNB, NUPES / USP e pesquisadores da UFRJ, UFMG, UFBA e UFPE.

c) Formação de novos núcleos

No desenvolvimento do GEU novos núcleos estão sendo criados. Com origem nos projetos sobre Condições e Mediações de Produção de Pesquisa no Rio Grande do Sul, que propiciaram a criação de uma rede de pesquisadores nas universidades gaúchas. Ligado à tal eixo foi criado o GEU — UPF, Universidade de Passo Fundo.¹² Está sendo encaminhada a criação de um GEU junto à UFPEL.

A INFLUÊNCIA DO DIRETÓRIO DE PESQUISA DO CNPQ E SEUS NOVOS DESDOBRAMENTOS

Na trajetória do GEU fica clara a influência do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ em suas várias versões. Certamente a estruturação do diretório foi provocadora de uma mudança substancial na estruturação do grupo. Ele pressionou por uma situação que já estava sendo delineada na origem departamental dos membros do GEU. Como o diretório não oferecia um espaço próprio para os grupos multidisciplinares, mas situava-os nos respectivos departamentos ou unidades, o GEU optou, sem abrir mão da multidisciplinaridade no seu trabalho, pela distinção do grupo a partir da lotação dos seus pesquisadores nos respectivos departamentos: GEU Sociologia e GEU Educação, facilitando, desta maneira, a identificação das atividades das pesquisadoras do GEU e a visibilidade das lideranças que desde os primórdios do grupo se faziam presentes. A articulação

¹¹ LEITE; TUTIKIAN; HOLZ. *Avaliação e compromisso: construção e prática da avaliação institucional em uma universidade pública. Leite. Inovação como fator de revitalização. O caso da avaliação institucional.* LEITE; BRAGA; GENRO; FERNANDES; LUCARELLI; CUNHA. *Pedagogia universitária: conectando, ética e política no ensino superior.* LEITE; MORESINI (orgs.). *Universidade futurante, produção do ensino e inovação.*

¹² Este grupo é coordenado pela professora Solange Maria Longhi, que obteve o seu doutorado no PPGEDU, com pesquisa articulada ao GEU-Educação. O grupo da UFPEL conta com a participação das professoras Maria da Graça Ramos e Tania Elisa Morales García.

num grupo maior foi mantida num outro nível e patamar, pois ambos, O GEU Sociologia e o GEU Educação têm por objetivo o estudo, a reflexão e o debate sobre os sistemas de ensino superior e suas transformações e sobre ciência e tecnologia na perspectiva institucional e de grupos e das políticas estaduais e nacionais.

O GEU: BUSCA DA INTERDISCIPLINARIDADE E CONSTRUÇÃO DE REDE(S) ACADÊMICA(S)

Os qualificativos até aqui levantados sinalizam para a interlocução e para a multidisciplinaridade do GEU enquanto grupo de pesquisa. Mas como tais qualificativos se articulam com a questão maior da interdisciplinaridade?

É inegável que as bases associativas assumidas no desenvolvimento de pesquisas, juntamente com os formatos organizacionais de centros e núcleos acima mencionados influenciaram a criação e a estruturação do GEU. Eles vieram desembocar numa cultura institucional que começou a se mostrar no final dos anos de 1980, que parece ter suas forças recrudescidas no quinquênio final dos anos de 1990 e que na transposição do século-milênio se revela nas redes de pesquisadores: é a cultura das parcerias, das redes e dos consórcios, enfim de ações

calçadas em algum modo de partilha e de cooperação. Nesta perspectiva o GEU se insere num movimento histórico-social mais profundo, cujas manifestações ocorrem em níveis de sistemas e de instituições, em esferas públicas e privadas, em segmentos docentes, discentes e de apoio.

Por outro lado, é inegável que outro movimento, de bases ontológicas e epistêmicas, conduz a questionamentos paradigmáticos, mostrando limitações dos modelos interpretativos disponíveis para captar a complexidade cada vez maior dos nossos objetos de pesquisa. A partir de meados da década de 1980, aumentam as ações que visam clarificar os modelos interpretativos da universidade em sua inserção social, em suas relações com o Estado (e políticas públicas), sua face administrativa e de finalidades. Não é de surpreender que a partir desta época, por exemplo, membros do GEU, em seus programas de pós-graduação, ofereçam disciplinas questionadoras de bases paradigmáticas do conhecimento, consoantes com discussões que então começaram a ser veiculadas em periódicos e em encontros acadêmicos e que, até hoje, mostram a sua atualidade acenando para a continuidade.

Tais colocações sinalizam para uma diferenciação fundamental a ser

estabelecida entre a *base associativa* de um grupo, especialmente de pesquisa, com os respectivos qualificativos e a *base substantiva* que qualifica as suas finalidades, isto é, o processo e o resultado da produção de conhecimento. Uma base associativa formada por partícipes de diferentes áreas de conhecimento é o que perfaz um grupo multidisciplinar. Somente na objetivação intencional desta base associativa multidisciplinar em uma ação substantiva e conjugada de produção de conhecimento e na medida em que houver interlocução, concessões, adensamento de interesses reveladores de integração de noções e modelos interpretativos, é que ocorre a interdisciplinaridade. A multidisciplinaridade dos membros de um grupo, nesta ótica, é condição para a consecução da interdisciplinaridade, mas a condição multidisciplinar, se não objetivada num processo produtivo e integrado, não se revela como interdisciplinar.

Green e Harker (1988) distinguem com propriedade as pesquisas multi e interdisciplinares, apresentando um terceiro tipo denominado de perspectivas múltiplas. A *pesquisa multidisciplinar* significa que pesquisadores individual e independentemente exploram um problema particular, a partir de suas próprias disciplinas. A *pesquisa*

interdisciplinar significa conjunção de esforços de pesquisadores, num estudo particular, visando desenvolver uma abordagem para estudo de um problema específico. Já a pesquisa de *perspectivas múltiplas* traz diferentes tradições teóricas e analíticas para a análise de um problema, sendo concretizada em diversas abordagens e propostas.

Nesta época já é constatado que os problemas que se colocam sobre a universidade dificilmente são captados em sua extensão por um único pesquisador ou no domínio de uma disciplina. A universidade, enquanto objeto de estudo, se constrói a partir de aportes de várias disciplinas, sendo inequívoca a complexidade de seus contornos disciplinares.

Tendo presente as considerações até aqui tecidas, destacamos alguns pontos:

- O GEU é um grupo multidisciplinar, pois sua base associativa é constituída de professores vinculados a diferentes cursos de pós-graduação e diferentes departamentos da universidade, abarcando com seus bolsistas diferentes campos disciplinares tais quais ensino, administração da educação, sociologia, geografia, história, direito, informática, comunicação, letras, matemática e biblioteconomia.

- O GEU é uma via concreta de rejeição à multiplicidade de especializações

isoladas, pois entende o processo de produção do conhecimento como fruto de um coletivo em ação que busca um sentido unificador nas várias disciplinas que corroboram na construção do objeto de estudo. Projetos integrados e enviados aos órgãos financiadores e que tematizam a questão do *global* e do *regional* são exemplos concretos dos esforços de reconquistar uma visão mais global.

- Os projetos do GEU são reveladores da interlocução, da multidisciplinaridade e da busca de interdisciplinaridade. É o caso dos projetos sobre inovação de práticas pedagógicas e de modos associativos para a pesquisa, ambos interinstitucionais. É o caso, também, dos projetos que estudam as condições de pesquisa de universidades gaúchas (interinstitucionais), dos estudos sobre Mercosul (internacional) e da produção na área de educação superior (ANPED), projetos esses que evidenciam a ação do GEU na formação de pesquisadores.

- O GEU tem consciência de que a articulação de disciplinas se constrói num processo histórico e paulatino de práticas e de sistematização de concepções que alimentam novas práticas. Os reagrupamentos frequentes para a realização de projetos do GEU contribuem para uma contínua rearticulação de disciplinas.

- Sob a égide da flexibilidade e do respeito às diferenças, o GEU não cerceia a realização de pesquisas individuais e independentes que exploram a temática comum, a partir das próprias disciplinas dos seus membros. É a *pesquisa multidisciplinar*. No GEU, também são adotadas diferentes tradições teóricas e analíticas, como é o caso das investigações sobre grupos de pesquisa, sendo concretizada em diversas abordagens e propostas. Tal sistemática se aproxima da pesquisa de *perspectivas múltiplas*. Mas no GEU, também, são conjugados esforços de pesquisadores, num estudo particular, visando desenvolver uma abordagem para estudo de um problema específico. É a *pesquisa interdisciplinar*. A produção do GEU é, portanto de caráter multidisciplinar, e de perspectivas disciplinares múltiplas, tendo em mira uma construção interdisciplinar caracterizada pela articulação e integração de conhecimentos.

Nosso objetivo, neste trabalho, foi ressaltar os qualificativos que medeiam o caráter do GEU e forjam suas expectativas: a intersecção entre a realização de pesquisas e a formação de nova geração de pesquisadores, o modo de vinculação institucional, a origem multidisciplinar do grupo e a vinculação a associações de pós-graduação. Tais qualificativos se inserem na tríade *pesquisa — instituição — multi(inter)disciplinaridade*, tríade

esta tecida pelas ações compartilhadas através das quais o GEU se objetiva como grupo de parcerias para a realização e a promoção de pesquisas sobre a universidade e a educação superior. O caráter multidisciplinar do GEU, com professores e bolsistas oriundos de diferentes áreas, é ambiente propício para a fertilização de noções, modelos interpretativos, valores, aspirações, procedimentos, germinando não só conhecimentos oriundos da pesquisa, mas uma cultura sobre o conhecimento que privilegia a interlocução e a interdisciplinaridade.

Como palavra final, cabe ressaltar que o GEU, desde sua gênese, aproxima-se do que entendemos por rede de pesquisa: o modo constitutivo e associativo compartilhado e concretizado em movimentos que visam objetivos acadêmicos. São estudos, pesquisas e eventos que expandem o GEU para diferentes fronteiras geográficas e espaços de conhecimento. Junto com as fronteiras estaduais, nacionais e do Mercosul crescem marcas de espaços de conhecimento cujas raízes penetram redes maiores e geograficamente mais amplas, compostas por diferentes segmentos e múltiplos saberes que constróem a Educação Superior como um campo disciplinar. Mas esta construção, mote da ação do GEU, impregna-se de

sentido face ao compromisso maior assumido pelo grupo. É o compromisso com a Educação Superior Brasileira.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

GREEN, Judith L.; HARKER, Judith (ed). *Multiple Perspective analysis of classroom discourse*. Norwood, New Jersey, Ablex Publishing Corporatin, 1988, 351p.

A produção do grupo pode ser vista na ase de dados Currículo Lattes, do CNPq.

Quadro I
Grupo de Estudos sobre universidade — GEU
Projetos integrados de pesquisa 1990 - 1998

Projetos	Subprojetos
<p style="text-align: center;">Projeto Integrado I Universidade e sociedade: estudos interdisciplinares 1990-1992</p>	<ul style="list-style-type: none"> · Ensino superior e interiorização · Universidades gaúchas: instituições vistas por dentro · Reprodução e recreação social e as ingerências do Estado: Para construir a articulação entre graduação e pós-graduação na UFRGS Ação institucional e formação do professor na UFRGS: trajetória, constatações e propostas · Produção de Pesquisa na Universidade: condicionantes e resultados Universidade e política nacional de ciência e tecnologia Entre o categorial e a liberdade acadêmica no ensino superior.
<p style="text-align: center;">Projeto Integrado II Universidade e sociedade: estudos interdisciplinares 1993-1995</p>	<ul style="list-style-type: none"> · Ensino superior: a perspectiva histórica e o panorama atual Reprodução e recriação do social na universidade e as ingerências do Estado: o caso da UFRGS. Ensino Superior no Mercosul · Universidades comunitárias · A produção da pesquisa na Universidade: condicionantes e resultados Universidade e pesquisa: a perspectiva dos grupos de pesquisa Os institutos universitários (1952-64) e os grupos produtivos Inovação e pesquisa na Universidade: racionalidade e produção individual e / ou coletiva Condições de Produção de Pesquisa: quadro das universidades do RS Universidade e as políticas de c & T · Ensino e aprendizagem Para revitalização do ensinar e do aprender na universidade Inovação da docência universitária na América latina

Quadro I
Continuação

Projetos	Subprojetos
<p>Projeto Integrado III Universidade contemporânea: entre o global e o regional 1996-1998</p>	<ul style="list-style-type: none"> · Educação superior: processos de internacionalização, integração e experiências comparadas O sistema de ensino superior norte-americano e sua influência do Brasil Integração das universidades na Alemanha após o processo de Unificação A internacionalização dos sistemas de Ensino superior: o Mercosul · Inovação na Universidade Inovação e avaliação como fator de revitalização do ensinar e do aprender Universidade, mediações para a pesquisa e inovação: o Rio Grande do Sul em perspectiva · A história da sociologia no RS e UFRGS · UNIVERSITAS: a produção do conhecimento sobre educação superior no Brasil: 1968-95 (ANPED).

Quadro II
 Grupo de Estudos sobre Universidade
 GEU — Sociologia e Educação
 Projetos Integrados de Pesquisa 1999-2002

GEU SOCIOLOGIA	GEU EDUCAÇÃO
Linhas de pesquisa	Linhas de pesquisa
<ul style="list-style-type: none"> · Educação Superior: processos de internacionalização, integração e experiências comparadas · Políticas de ciência e tecnologia · Estrutura e gestão das universidades · A sociologia no RS · Estudos sobre educação no Brasil da perspectiva sociológica 	<ul style="list-style-type: none"> · Universidade, Pesquisa e Inovação: · Questões institucionais na produção de pesquisa · Processos decisórios e associativos nas políticas e práticas de pesquisa. · Pedagogia Universitária e Inovação · Processos de inovação e avaliação institucionais e revitalização do ensinar e do aprender
Projetos	Projetos
<ul style="list-style-type: none"> · Para uma sociologia da sociologia no RS: a sociologia na UFRGS · Qualificação e mercado de trabalho: as perspectivas das ciências sociais · Diversificação do sistema pós-secundário: um desafio para o Brasil · Ensino superior privado no RS: a experiência das universidades comunitárias · A pós-graduação no Brasil: Formação e trabalho de egressos e doutores no país · Estudos sobre educação no Brasil da perspectiva sociológica · Grupos de Pesquisa do CNPq e as suas relações com os pesquisadores do Mercosul 	<ul style="list-style-type: none"> · O estado da arte sobre política e gestão da Educação no Brasil (1991-1997): Gestão Universitária (Anpae) · Universidade e pesquisa: políticas discursos e práticas · Produção do conhecimento sobre cooperação acadêmica em periódicos brasileiros · UNIVERSITAS: a produção científica sobre Educação Superior no Brasil: 1968-1995 (ANPED) · UNIVERSITAS: a produção científica em Educação Superior no Brasil - 1997-2000. (ANPED) · Institucionalização de grupos de pesquisa na Universidade: processos, percalços e avanços · Inovação como fator de revitalização do ensinar e do aprender na universidade · Avaliação Institucional · RIES – Rede Sul-brasileira de Pesquisadores em Educação Superior